

## POLÍTICAS DO CORPO FEMININO EM *COBRAS E PIERCINGS* FEMALE'S *BODY POLITICS IN SNAKES AND EARRINGS*

Wanderson Tobias Rodrigues<sup>25</sup>

**RESUMO:** Kanehara Hitomi, nascida na cidade de Tóquio em 8 de agosto de 1983, filha de um professor de literatura e tradutor, interrompeu seus estudos aos doze anos, saindo de casa aos quinze. Seu primeiro livro a ser publicado fora **Cobras e Piercings**, que chegou a ser traduzido para diversas línguas, inclusive para o português brasileiro, sendo publicado pela Geração Editorial em 2007, apenas três anos após a primeira edição em japonês. **Cobras e Piercings** fez com que a autora vendesse mais de um milhão de cópias, recebendo o Prêmio Akutagawa, o mais importante de literatura no Japão. Esse artigo propõe discutir as políticas que o corpo feminino exerce dentro do texto da autora, além dos meios de interpretações que nos permitem afirmar que a obra, em sua essência, é uma forma de reivindicação contra sistema e cultura do patriarcado na nação japonesa.

**Palavras-chave:** *Cobras e Piercings*; corpo feminino na literatura; *body modification*; Kanehara Hitomi; políticas do corpo.

**ABSTRACT:** Kanehara Hitomi, born in the city of Tokyo on August 8th, 1983, daughter of a teacher of literature and translator, interrupted her studies when she was twelve, leaving home at fifteen. Her first published novel was Snakes and Earrings, which came to be translated to many different languages, including Brazilian Portuguese, being published by Geração Editorial in 2007, only three

---

<sup>25</sup> Universidade de Brasília, Brasília-DF, Graduado em Letras-Japonês (Licenciatura) e mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura - POSLIT pela mesma universidade. E-mail para contato: wanderson.tobiasrodrigues@gmail.com

years after its first Japanese edition. *Snakes and Earrings* sold thousands of copies, and won the Akutagawa Prize, the most important literature prize in Japan. This article intends to discuss the politics the feminine body exercise inside the text, beyond ways of interpretation that allows us to affirm that the novel, in its essence, is a way to fight against the Japanese nation patriarchal system and culture.

**Keywords:** *Snakes and Earrings*; women's body in literature; Body Modification; Kanehara Hitomi; Body Politics.

## O PODER DA ESCRITA

“O que você acha de *split tongues*? - perguntei.

Shiba encolheu os ombros, virou a cabeça e respondeu:

-Acho uma idéia interessante mas, ao contrário de piercings e tatuagens, é algo que muda o formato do corpo. Eu mesmo não pensaria em fazer. Acredito que só Deus tem o direito de modificar a forma humana.

[...] Ótimo. Então, o jeito era eu me tornar uma deusa.”

(KANEHARA,2007, pp.15 - 21)

Em 15 de janeiro de 2004, duas autoras foram prestigiadas com o Prêmio Akutagawa, um dos maiores e mais relevantes prêmios de literatura japonesa. O que essa premiação teve de inovador foi o fato das duas autoras contempladas terem sido as mais novas do histórico da premiação. Wataya Risa, com 19 anos (a mais nova das autoras) e Kanehara Hitomi, com 20 anos. Um ponto a ser

destacado é que após a premiação, a mídia não deixou escapar detalhes sobre a vida de Kanehara, principalmente aquilo que fazia referência à aparência e estilo da autora, dedicando publicações exclusivas acerca de suas roupas no dia do evento, descrevendo-a como uma “jovem de *Shibuya*”<sup>1</sup>, em consequência por estar usando lentes de contato, cabelo pintado, uma minissaia e por ter as orelhas cobertas de brincos. Sabemos que, infelizmente, nas culturas contemporâneas, não é espantosa a preocupação com a aparência e vestimenta de uma mulher em grandes eventos, e que a mídia -assim como o jornalismo, propriamente dito-, em sua prática machista, tem um histórico vasto de perpetuar esses discursos negativos - por não dizer pejorativos- diante de figuras femininas, comportamento que não podemos encontrar com facilidade quando esses mesmos jornalistas dedicam matérias para falar sobre autores ou outras figuras públicas do sexo masculino.

Diante disso, podemos indicar um fator que estimulou a empatia e identificação por parte dos leitores, assim como vislumbrar o impacto que a autora provocou com a sua obra premiada *Cobras e Piercings* (trad. 2007) ao apresentar a protagonista Lui, uma mulher de 19 anos que decide adentrar no mundo do *body modification*, escolhendo por ter seu corpo tatuado e iniciar o processo de bifurcação da própria língua.

O *body modification*, por si só, já é um assunto que provocou grandes comoções por parte do público e da crítica, simplesmente por discorrer sobre uma prática que até hoje, na sociedade japonesa, é caracterizada como um

grande tabu social. Um indivíduo com o corpo tatuado é extremamente mal visto pela nação, muitas vezes sendo associado à máfia japonesa Yakuza. O preconceito consegue ir tão longe, que inclusive chegou a culminar em ações políticas para prejudicar a prática profissional de tatuadores no país, o que podemos interpretar também, como uma forma ativa de combate à prática de tatuagem.

Em 2015, por exemplo, a polícia de Osaka realizou batidas na maioria dos estúdios da cidade, prendendo e multando tatuadores por praticarem a forma de arte sem uma licença médica, o que é tecnicamente ilegal de acordo com uma lei desatualizada e vaga criada há um século atrás. No entanto, alguns dos tatuadores, que ainda não fizeram as malas e se dirigiram para “pastos mais verdes”, decidiram tomar uma posição, e na linha de frente desse movimento ousado está Taiki Masuda.[...]

Embora o caso vá a julgamento pela primeira vez no final de janeiro de 2017, espera-se que ele seja entregue ao Supremo Tribunal do Japão, porque a disputa trata diretamente da constitucionalidade da "lei médica". Um grupo de jovens advogados que tem um forte histórico de ganhar processos semelhantes a este está apoiando Masuda. Entre essa equipe de defesa está Takeshi Mikami. "Se o tribunal decidir que a tatuagem requer uma licença médica, nenhum dos tatuadores poderá continuar a tatuagem", disse ele. "[O] tatuador e seus clientes criam *designs* através da comunicação e colocam uma expressão significativa nele ... então isso seria uma violação de sua liberdade de expressão."

Este é um argumento convincente que coincide de perto com as disposições concedidas aos cidadãos japoneses pelos fundamentos legislativos da nação. No entanto, o preconceito dominante contra as tatuagens é tão forte no país, que mesmo o raciocínio legal pode cair em ouvidos surdos. Só o tempo dirá,

mas o resultado pode alavancar ou destruir a indústria no Japão.  
(HOWERTON, 2016, tradução nossa)

Diante das complexidades acerca das tatuagens no cenário japonês, ao pensar no texto da obra, além de sua mudança física, Lui ficou responsável por relatar experiências sexuais violentas, momentos de desesperos, crises existenciais, violências físicas e psicológicas, homicídios e transtornos alimentares. A personagem então, à luz do seu desenvolvimento, passa a assumir uma voz de representação e identificação por parte de muitos jovens do Japão, principalmente os aqueles que foram criados e amadureceram na no recorte histórico agredido pela explosão da “bolha econômica”, também conhecidos como uma geração “perdida”.

Antes de tudo, não podemos deixar de mencionar que com a explosão da “bolha econômica”, o país passou por um longo período de crise e recessão econômica, provocando um impacto importante nos meios de produções artísticos e intelectuais, assim\* como no estilo de vida e identidade do povo japonês. O movimento feminista dos anos 1970 permitiu às mulheres conquistar um espaço maior na sociedade e desestabilizar seu papel social tradicional. A literatura dos anos 1980 reflete essas mudanças, com uma inevitável abordagem de temas como a relação entre os sexos e a própria estrutura familiar. É neste\* contexto que podemos inserir a obra de Yoshimoto Banana (1964), Yamada Eimi (1959) e Hayashi Mariko (1954), nas quais as fronteiras entre gêneros vão

desaparecendo, e a solidez da instituição familiar entra em crise diante de uma sociedade consumista e internacionalizada.

Podemos voltar um pouco mais, inclusive, para pensarmos na disposição da produção de literaturas de autoras femininas e de produções de cunho feministas, nos permitindo ter uma visão mais ampla acerca da agenda literária da nação japonesa.

Pode-se dizer que as *modan gâru*<sup>26</sup> representavam a cultura urbana do período Taishô (1912-1926), o fervor da metrópole, onde homens e mulheres consumiam o prazer da boêmia, a moda, as artes, a dança, a música e frequentavam os bairros “badalados” como Guinza, em Tóquio.

Outro aspecto que chama atenção é a representação da *modan gâru* como o novo florescimento da sexualidade da japonesa. Após anos de restrições e da imagem da mulher atrelada à maternidade, a sensação de liberdade vinculada à capacidade de adornar a própria casa e o próprio corpo ofereceu a elas um poder até então desconhecido. Mesmo que esse poder fosse incentivado pelo consumismo, ainda assim deve ser considerado como parte da liberação da mulher japonesa. Assim, essa força trouxe a segurança para que mostrassem o corpo e brincassem com a sensualidade.

Apesar das concessões e novas possibilidades, novas barreiras foram impostas; assim, aquelas que não aceitaram essas novas

---

<sup>26</sup> モダンガール- *Modan gâru* ou *moga*, literalmente, significa “garota moderna” e simboliza o ápice da ocidentalização, tanto nas vestimentas como no estilo de vida, das jovens japonesas. Esse conceito foi popularizado em *Naomi* (1947), livro escrito por Jun’ichirô Tanizaki (TANIZAKI, 2001), cujo título em português é *Amor Insensato* (TANIZAKI, 2004), e cujo enredo é centrado na obsessão de Jôji por ser uma garota ocidentalizada. Até então, o termo era utilizado mais popularmente para nomear àquelas que não se encaixavam no padrão da imagem tradicional da mulher, a da “Boa esposa, mãe sábia”. (ISOTANI, 2016, pp. 69)

funções foram taxadas de *modan gâru*, sendo seu significado inicial atrelado a um aspecto negativo, da mulher solteira, cheia de convicções ameaçadoras à nova base familiar, mulheres promíscuas e que causavam desconforto intencional aos outros em sua volta. (ISOTANI, 2016, pp. 72-73)

O crítico literário Koichiro Tomioka<sup>27</sup> aponta que a explosão da “bolha” foi responsável pela criação e desenvolvimento de novos movimentos e produções literárias, criando, assim, uma nova geração de literatura, que até então, os temas abordados não faziam parte da realidade e muito menos do imaginário japonês. Ao pensar na agenda literária de autoria feminina, as autoras japonesas eram mais conhecidas por expor em seus textos elementos mais tradicionais da cultura e rotina japonesa, normalmente envolvidos com os sistemas e valores pré-estabelecidos pela sociedade<sup>28</sup>, como a família, o casamento, amor (no molde de amor afetivo e romântico) e amizade, até que muitos desses “valores”, aos poucos passaram a perder sua concretude, diante das mudanças radicais que a sociedade sofreu em decorrência da queda da economia no país e os autores passaram a recorrer à literatura para expressar a violência contra suas identidades, de tal forma que podemos até interpretar como uma forma de vingança ao conservadorismo nacional.

---

<sup>27</sup> Apud, ASHBY, J. **New Akutagawa winners offer hope**. Japan Times Online. 2004.

<sup>28</sup> Devemos nos manter atentos que aqui, a sociedade é totalmente estruturada pelo patriarcado, onde a mulher é subjugada e sofre imposições de comportamentos, expressões e produções artísticas.

Mas a nova geração de escritores, nascidos em meados de 1980 (como as ganhadoras do Prêmio Akutagawa), Tomioka aponta crescimento nesse exato momento de perda e incerteza econômica. Se Shintaro Ishihara - que recebeu o Prêmio Akutagawa em 1956, com 23 anos - representa uma nova geração raivosa e rebelde contra a sociedade de seus pais, então a geração presente é uma das “juventudes perdidas” buscando por novos valores e meios de viver em uma sociedade rica materialmente e vazia de espírito marcada pelo isolamento, alienação, bullying e violência. (ASHBY, 2004, tradução nossa)

Dinitto (2011) aponta que os anos 1990 representa uma era de tremenda ansiedade nacional para o Japão. A imagem da juventude japonesa veio à tona em terríveis assassinatos de crianças, prostituição de meninas menores de idade e outros comportamentos escandalosos e delinquentes dos jovens do país. Tendo experimentado as crises da década de 1990, os japoneses estavam procurando uma literatura para representações realistas dos males da sociedade, fator que somou com o apreço dos jovens à literatura de Kanehara Hitomi. A autora, além de representar a voz dessa juventude em suas obras, assumiu, em seu papel, um exemplo que essa juventude ainda tem para onde crescer e que são capazes de ocupar lugares na sociedade.

Kanehara nasceu em Tóquio, filha do acadêmico da Mizuhito Kanehara. Aos doze anos abandonou os estudos, saindo de casa aos quinze, momento em que decidiu por seguir a sua paixão pela escrita. Ela, por si só, é um exemplo da juventude perdida. Muitos, assim como ela, abandonaram os estudos e passaram a levar uma vida mal vista pelas pessoas das gerações que os precederam.

Acredito que esse seja um ponto de grande relevância para a sua recepção no mercado literário. Murakami Ryu (1952) complementa dizendo que se jovens autoras, assim como Kanehara Hitomi não escreverem, não haverá outra forma das gerações mais antigas de entenderem a geração atual. (DINITTO apud SAITO 2004, p. 71)

Ela [a mulher japonesa] é uma figura “moderna” que espelha as mudanças sísmicas de valores e tecnologias; ao mesmo tempo, ela é uma figura “pré-moderna” inocente e nostálgica, proporcionando estabilidade em um mundo imprevisível. (ISOTANI *apud* SUZUKI, 2009).

## O CORPO FEMININO E SUAS LEITURAS

Em sua tese, Mina Isotani (2016) provoca formas de como podemos pensar o corpo diante da sociedade nipônica, dizendo:

O teórico Teruyo Iwami publicou um estudo historiográfico da representação feminina no âmbito da sociedade japonesa, bem como as transformações econômicas e sociais decorridas desde a Restauração Meiji (IWAMI, 2008). No livro *Cem anos de heroínas: a transformação da figura feminina na literatura, mídia e na sociedade*, publicado em 2008, analisa como a partir do início do século XX a importância do “corpo” passa a ser significativa, a tal ponto que seria inviável separar o corpo que mostramos ao mundo e o que guardamos em nosso íntimo. Ou seja, o indivíduo passa a se autorrepresentar através do vestuário, da maneira peculiar de se expressar e agir. (ISOTANI, 2016, p. 69)

Ao falar da obra *Cobras e Piercings*, não podemos deixar de falar sobre o corpo, em sua finitude física, assim como as políticas representadas por um corpo feminino, propriamente dito. Se pensarmos o corpo feminino na literatura, ainda somos forçados a dar um recuo no nosso foco e tentar enxergar as realidades desse corpo como um meio político-social de debate. No Japão, as vidas das mulheres têm sido governadas por um conceito que cria a ilusão do esplendor de uma vida doméstica, alimentando as falsas virtudes (assim como “vantagens”) de ser uma boa esposa e uma boa mãe. Não é o intuito aqui dizer se essas fantasias impostas são boas ou ruins, eu como homem não posso assumir essa responsabilidade e atravessar a fala dessas mulheres, entretanto é importante destacar como algumas delas (as fantasias) são induzidas a controlar e impor um conceito de felicidade oriundo das expectativas e crenças dos homens.

A taxa de fertilidade no Japão tem diminuído drasticamente e, como consequência, a gravidez e maternidade têm sido utilizadas como grandes slogans políticos, lembrando as mulheres de suas “morais femininas”, no intuito de conscientizá-las de suas responsabilidades como cidadãs. Outro fator que vale a pena ser destacado é que hoje as mulheres têm se casado cada vez menos no Japão. David Holloway (2016) traz em sua pesquisa que o termo “parasita solteira” tem sido usado pelos políticos conservadores para denominar aquelas que escolhem permanecerem solteiras e não se casar, o que é de fato muito preocupante, permitindo-nos interpretar esse comportamento como mais um

exemplo da perseguição à liberdade feminina e de uma filosofia agressiva, onde as mulheres ainda são vistas como uma propriedade privada dos homens.

Não é meu intuito deslegitimar o poder de escolha dessas mulheres ao permanecerem solteiras, entretanto as crenças misóginas assumem um grande papel nesse cenário - indo além do discurso virtual - ao não permitir, em sua maioria, que essas escolhas sejam de fato autêntica e intrínseca dessas mulheres solteiras. Muitos homens na sociedade japonesa atual ainda recusam a se casar ou manter relações com uma mulher “estudada”, independente financeiramente e “cheia de opinião”. Ainda há a crença que uma mulher de valor tem que abdicar de seus interesses (não voltados ao modelo de família tradicional), para se dedicar a cuidar da casa, dos filhos e servir ao marido.

Então, quando falamos de autoras femininas no Japão, não só falamos de uma classe que ocupa o local de escrita, mas também de um movimento de protesto e de empoderamento, em todas as suas interpretações. Ao pensarmos na protagonista Lui, em muitos momentos podemos perceber essa luta contra o comportamento de reprodução do modelo feminino tradicional. Um exemplo de combate à cultura machista enraizada que podemos citar é um diálogo com sua amiga Maki.

-É raro uma patricinha como você fazer piercing lingual. Começa alargando os orifícios dos piercings das orelhas, depois é a vez da língua. Lui, desse jeito você vai virar *punk* também!

De nada adiantou eu lhe dizer que eu não era uma patricinha. Maki continuou a tecer suas críticas sobre os *punks*: [...] Com

certeza, o piercing lingual destoa de corpetes e cabelos dourados cacheados.

-Maki, o que acha de tatuagens?

-Tatuagens? São legais. De rosas e borboletas e coisas assim podem ser graciosas - respondeu com um sorrisinho angelical.

-Não digo coisas fofinhas. Penso mais em algo como dragões, tribais, reprodução de xilogravuras de *ukiyo-e*, essas coisas.

-Quê? - gritou ela. - Pirou de vez? [...] Ele fez lavagem cerebral em você? (KANEHARA, 2007, p. 24)

A citação acima é um diálogo simples, sem especulações filosóficas e sem um aprofundamento acadêmico por parte das personagens, o que acredito ter um valor imensurável para a questão da democracia literária. É a partir de diálogos assim que podemos apresentar aos leitores as formas de raciocínio de pequenos preconceitos que se disfarçam nas ingenuidades. Agora, como leitores, podemos identificar os dois indivíduos em combate por questões políticas de liberdade e escolha. Maki já era amiga de Lui há dois anos antes do momento do diálogo, ela já conhecia a fundo os gostos da protagonista e constantemente se encontravam para beber e se divertir. À luz deste histórico entre as personagens, é permitido visualizar que Maki não é uma mulher de fato conservadora, mas que ainda reproduz conceitos antiquados e discursos machistas, muito provavelmente oriundos de sua comunidade de convívio.

Ela ainda relaciona o “gracioso” com uma característica dita feminina e expressa tamanho estranhamento com o desejo de Lui, e faz questão de deixar claro que a protagonista não está em bom estado de juízo para tomar uma

decisão assim, que tudo isso é fruto de uma manipulação do Ama, um *punk* de moicano vermelho, tatuagem nas costas, vários piercings no rosto e com a língua bifurcada. Personagem com qual a protagonista desenvolve um relacionamento afetivo e que lhe oferece meios de alcançar o universo do *body modification*.

Essa linha de raciocínio de Maki nos leva a várias questões pertinentes para a discussão. Em primeiro ponto, a amiga reproduz o discurso de que uma mulher, ao fazer uma mudança “radical”, está sendo louca, histérica, que é exatamente o discurso de um homem machista quando uma mulher se impõe. Não vou declarar essa crítica somente à Maki, mas os meios de mídia em geral, quando uma personagem busca vingança, se coloca raivosa, muda totalmente, costumeiramente nos é apresentada uma personagem “louca”, caricata, sem razão. Precisamos, o quanto antes, modificar tais formas de leituras sobre essas personagens.

Seguindo a problemática, Maki propõe uma causa para isso tudo, a culpa é de Ama, ele “fez lavagem cerebral” na protagonista. Algumas leituras nos permitem dizer que ela está preocupada com a amiga, criticando de fato o homem, que está forçando a protagonista a fazer modificações em seu corpo, as quais ela não queria. Não vou dizer que essa linha de raciocínio não é válida, entretanto, ao pensar que é sobre uma voz feminina que estamos discutindo, é mais plausível identificar que a amiga está tirando o poder de escolha de Lui, como se ela não fosse capaz de tomar atitudes drásticas sem ter plena consciência dos seus atos, novamente colocando-a num lugar em que a mulher

não tem *direito* de tomar decisões sem o consentimento de um homem, independente se a sugestão do rapaz influenciou Lui em suas decisões ou não.

O relacionamento de Ama com Lui provoca no leitor certo desconforto. Pode-se dizer que há um sentimento entre os dois, mas o comportamento de Lui, em relação a ele, vai contra muitas ideias e representações de um relacionamento afetivo. A protagonista não demonstra de fato um amor pelo rapaz, mostra seus carinhos, seu cuidado e recebe a grande demanda afetiva de Ama, mas ainda assim, é uma afetividade estranha, se é que fato podemos dizer que é amor. Ama também quebra o preceito de “homem controlador”, ou de “marido perfeito”, em que podemos até mesmo enxergar um complexo de Édipo<sup>29</sup> por parte do personagem sua dependência de sua parceira, colocando ele num papel de relação próxima de filho e mãe com Lui. O rapaz gosta de ser cuidado, de ser mimado, ele exige isso. No ato sexual, é possível ler o desconforto de Lui quando o rapaz coloca o bico do seio em sua boca e começa a mamar, como se fosse um bebê. A protagonista não gosta de crianças e acaba sendo com um homem que ela acaba mantendo um relacionamento similar. David Holloway (2016) faz questão de demonstrar o seu desapontamento com o empoderamento de Lui, dizendo que em diversas situações ela alcançou uma forma de poder e que Kanehara tirou esse poder quando a colocou num papel de mulher tradicional no final da obra.

---

<sup>29</sup> Termo da psicanálise, criado por Sigmund Freud (1856 - 1939) inspirado na tragédia grega *Édipo Rei* (Sófocles) que designa o conjunto de desejos amorosos e hostis que o menino enquanto ainda criança experimenta com relação a sua mãe.

Para cumprir com o desejo da protagonista, Ama a leva para a Desire. “Uma loja meio *punk*, que fica no subsolo de um prédio afastado da área comercial da cidade.” (KANEHARA, p.8, 2007). É nesse local que Lui conhece Shiba, a pessoa responsável por dar início a sua bifurcação lingual e por tatuá-la. Sem que Ama saiba, Lui e Shiba decidem que como forma de pagamento pela tatuagem, Lui teria que transar com o homem, e que, assim, ficaria quitada a dívida.

-Quero que seja desenhado em minhas costas, em tamanho semelhante ao da tatuagem de Ama. Em quanto ficaria?

Shiba levantou a cabeça e me olhando de lado disse:

-Vai lhe custar uma trepada comigo.

-Só isso?- perguntei, devolvendo seu olhar de soslaio e reparando o sadismo que se revela em sua fisionomia.

-Tira a roupa.

Ao ouvir a ordem de Shiba, eu me levantei. [...]  
(KANEHARA, 2007, p. 39)

A sexualidade assume um papel importante na narrativa de Cobras e Piercings, de tal forma que permite o leitor interagir com níveis diferentes de relações sexuais. Kanehara inicia esse movimento com o sexo mais dócil e “romântico”, da protagonista com Ama, levando-a em seguida a prática do sexo masoquista com Shiba. O corpo assume outro papel nessas práticas sexuais, torna-se o responsável por exprimir o desejo sexual feminino e o propõe como

um objeto independente que busca apenas o prazer, sem se manter atrelado ao discurso não-nacionalista e ideológico, de forma que leva até o leitor uma forma de sexo não ligada à procriação e formação de uma “família feliz”.

De acordo Holloway (2016), quando o corpo feminino é o objeto, masoquismo e *body modification* assumem um significado especial e completa com a fala de Victoria Pitts “O corpo é extremamente importante no ativismo feminista e em sua teoria”. Feministas têm descrito como mulheres regularmente descobrem que elas não estão no controle sobre sua própria sexualidade, saúde e segurança corporal”<sup>30</sup>. Em algumas análises de viés feminista, analisando na prática heterossexual, quando a mulher assume o papel de “passiva” nas relações sexuais e se permite desempenhar um papel masoquista na relação, ela acaba se tornando totalmente submissa ao seu parceiro, de modo que perde o seu empoderamento. Vamos propor uma possibilidade diferente para essas análises da prática masoquista exercida pelas mulheres no ato sexual. Devemos lembrar que antes de tudo, o sexo masoquista é baseado em acordos, um acordo em que todos os envolvidos têm que aceitarem as propostas feitas. Nisso, cabe ao “passivo” e ao masoquista controlar a situação limitar e, além de tudo, autorizar as ações do parceiro, assumindo sua liberdade sexual e liberdade intrínseca de escolha. Gilles Deleuze sugere que, para o masoquista, a dor é uma nova forma de pensar e sentir, e é uma linguagem totalmente nova. Transcender as experiências físicas de dor e prazer, da mesma forma que nas dificuldades

---

<sup>30</sup> Apud, HOLLOWAY, David p.81, 2016.

psicológicas de controle e consentimento, masoquistas encontram uma relação afetiva com o mundo através do seu desejo por ser ferido.<sup>31</sup>

Diante dessas leituras, podemos dizer que a protagonista permitiu o leitor a ter contato com várias formas possíveis de lutar pela sua liberdade e de reescrever a sua identidade enquanto sujeito, de tal modo que passa a ser possível encontrar uma nova forma de sentir a vida.

## CONCLUSÃO

Este artigo aproximou o leitor do poder que um corpo físico consegue exercer dentro da literatura, de forma a nos possibilitar discutir cada vez mais as linguagens que o corpo presente no texto nos oferece, além das palavras escritas. É dessa forma que o ato de interpretar a língua quase-bifurcada de Lui se torna especial. Como é forte a mudança desse músculo, que permite à personagem exercer sua fala. Essa língua que faz com que ela não seja mais só humana, a mudança que provoca o desejo de elevação, buscando alcançar a divindade feminina, uma língua que a torna uma nova mulher, diferente daquelas que a nação cobra, uma mulher modificada. Além de tudo, essa língua permite uma nova forma de falar as coisas, o instrumento de fala de Lui é modificado, assim como a forma de falar das mulheres no Japão atual, suas vozes não são as mesmas de antigamente, hoje elas assumem posturas diferentes diante da sociedade e

---

<sup>31</sup> Apud, HOLLOWAY, David p.80, 2016

reescrevem as suas culturas. Essa língua modificada representa todas essas mulheres.

O olhar masculino em cima desse corpo já mencionado foi um elemento de preocupação por parte do autor. De que forma podemos discutir o feminino, sem ultrapassar o limite do nosso local de fala? Falar sobre esse corpo, feminino, japonês, modificado, acabaria de uma forma por colonizá-lo?

Ainda não há uma resposta exata para esses questionamentos, embora seja claro que discutir o feminino na literatura, assim como as autoras, os olhares sobre elas, o corpo de suas personagens e seus empoderamentos, é um trabalho necessário. Talvez o fato da distância física e psicológica desses objetos foram o que possibilitaram esse trabalho, a busca pelo entender aquilo que o nosso corpo, por si só, não é capaz de compreendê-lo.

Será que esse é um dos fatores que fizeram Kanehara ocupar um espaço tão importante no universo literário? O poder de alcançar com o seu texto, através do corpo de Lui, o corpo de seus leitores? Podemos dizer que sim, pois foi graças a sua obra que do outro lado do mundo, nos permitiu realizar essas reflexões e sentir -tão próximo- as vozes dessas mulheres e ser alimentado pelas suas lutas, de modo que passamos os discursos adiantes, para que além da cultura da nação japonesa, nós ocidentais também possamos enxergar e interpretar esses corpos de forma diferente.

## REFERÊNCIAS

KANEHARA, Hitomi. **Cobras e Piercings**. Rio de Janeiro - RJ: Geração Editorial, 2007.

DINITTO, Rachel. Between literature and subculture: Kanehara Hitomi, media commodification and the desire for agency in post-bubble Japan. **Japan Forum**, v.23, n.4, 2011, p. 453–470

HOLLOWAY, David. Gender, Body, and Disappointment in Kanehara Hitomi's Fiction. **Japanese Language and Literature**, v.50, n.1, 2016, p. 75–103

HOLLOWAY, David. Skin-Deep: The Body in Fiction by Kanehara Hitomi and Hasegawa Junko. **U.S.-Japan Women's Journal**, n.40, 2011, p. 29–48.

ISOTANI, Mina. **A Representação do Feminino: a construção identitária da mulher japonesa moderna**. São Paulo, 2015, 219p. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

ASHBY, J. **New Akutagawa winners offer hope**. Japan Times Online. 2004, Disponível em <<https://www.japantimes.co.jp/culture/2004/03/04/books/new-akutagawa-winners-offer-hope/#.XPB1yIhKhPa>>. Acesso em: 30 de maio, 2019.

HOWERTON, R. **Tattooist Spearheads Lawsuit Against Japan's Crackdown on Body Art**. Tatoo do. 2016, Disponível em <<https://www.tatoo do.com/a/2016/12/tattooist-spearheads-lawsuit-against-japan-s-crackdown-on-body-art/>>. Acesso em: 30 de maio, 2019.

Recebido em: 27 jun. 2019.

Aceito em: 19 jul. 2019.